

O Bhagavad Gita como fonte de estudo da filosofia guerreira indiana

João Gomes Braatz, UFPel¹

Resumo

Nesta pesquisa, procura-se analisar as características e significado da guerra evidenciados no texto indiano *Bhagavad Gita*, pertencente à obra *Mahabharata*. Sua produção é posterior à dos grandes Vedas, os primeiros textos sagrados do que viria a tornar-se o Hinduísmo. Tendo seus versos inteiramente compilados durante o século IV AEC, a obra adquiriu o formato atual aproximadamente pelo século V, já que se acredita que o processo de produção tenha durado em torno de um milênio, por meio da tradição oral. É no *Bhagavad Gita* que ocorre o diálogo entre o deus Krishna e Arjuna, o herói da história. Neste capítulo, consta o ensinamento divino passado para o guerreiro, que trata do sentido da vida e do papel do guerreiro na sociedade védica, tornando a obra referência para a *varna* dos *Kshatriyas* (xátrias, a *varna* guerreira).

Palavras-chave: Filosofia guerreira, Bhagavad Gita, Índia.

Abstract

In this research, seeks to analyze the characteristics and meaning of war evidenced in the Indian text “Bhagavad Gita” that belongs to the book “Mahabharata”. Its production is later than the Vedas, the first sacred texts of what was to become Hinduism. Having its verses fully compiled during the century IV BCE, the book has acquired the current format approximately in the V century, since it is believed that the production process lasted around a millennium, through oral tradition. It’s in the Bhagavad Gita that occurs the dialogue between the god Krishna and Arjuna, the hero of the story. In that chapter, there is the divine teaching passed to the warrior, which deals with the meaning of life and the role of the warrior in Vedic society, making this text a reference for the *varna* of *Kshatriyas* (xátrias, the warrior *varna*).

Keywords: Warrior philosophy. Bhagavad Gita. India.

Introdução

É imprescindível considerar para essa pesquisa a escassez de produções acadêmicas no Brasil a respeito da antiguidade da Índia. Muitas são as dificuldades para um pesquisador desta área no país, seja em função do idioma escrito nas fontes antigas no subcontinente indiano, o sânscrito, seja pela visão viciada de desinteresse pelo “Oriente”, pois, segundo Bueno (2017, p. 8), “[...] precisamos acreditar que estudar o outro é desimportante, porque isso reforça quem somos nós. Isso nos coloca no topo de uma hierarquia imaginária de culturas”. A herança da visão criada pela Europa ainda no século XIX a respeito do que seria o “Oriente” como “o outro, o diferente” ainda é presente em nosso imaginário, carregando um peso de preconceitos e indiferença em relação a estudos a respeito deste conjunto de

¹ Graduando em História/Licenciatura na Universidade Federal de Pelotas. Dedicar-se a pesquisar assuntos relacionados principalmente ao “Oriente” antigo, com ênfase na guerra e na história da Índia. E-mail: joao.braatz@hotmail.com

civilizações amplamente distintas entre si. Nossa concepção de “Oriente” abrange basicamente qualquer sociedade que esteja localizada entre Israel e Japão, e uma simples observação a respeito das diferenças culturais entre este grande número de civilizações é suficiente para perceber o quanto o termo é oriundo de uma formação cultural ainda influenciada por esta construção limitada do século XIX, o orientalismo. Segundo Said (1998, p. 209), em sua tese ainda não superada, o orientalismo pode ser definido como “[...] um modo de escrita, visão e estudo regularizado (ou orientalizado), dominado por imperativos, perspectivas e preconceitos ideológicos, ostensivamente adequados ao Oriente”.

Reforça-se, com esta pesquisa, a importância de se estudar uma cultura baseando-se em fontes produzidas por ela própria, indo muito além de simplificações e pré-conceitos estabelecidos por uma visão ocidental do que seria o “ideal” para uma cultura, mas sim estimular uma maior compreensão de uma Índia que vá além de telenovelas e de manchetes em portais de notícia tratando sobre a pobreza no país. Assim, com as considerações realizadas a partir deste estudo, apresentando e discutindo possibilidades de análise de uma fonte antiga produzida ao longo de séculos na região do subcontinente indiano, têm-se como objetivo desta pesquisa gerar uma maior compreensão a respeito da história desta sociedade, considerando um importante aspecto que documenta sua crença: os textos sagrados.

Dentre os diversos textos sagrados de que se tem conhecimento da produção neste contexto de florescimento da religião védica, foram selecionadas para esta pesquisa traduções² para o português de parte do conto épico *Mahabharata*, que apesar de tratar-se de uma obra cuja produção e compilação datam de um período posterior ao dos primeiros Vedas, trata-se de uma produção de grande importância para a filosofia hindu. Em resumo, a obra conta a história da guerra de Kurukshetra, disputada entre duas linhas de descendentes dos Bharata: os cem Kauravas de um lado, e os cinco Pandavas de outro. Os cinco Pandavas (Yudhishtira, Arjuna, Bhima, Nakula e Sahadeva), foram adotados pelo rei Dhritarashtra e criados juntos com os Kauravas, os cem filhos do rei. Além da relação familiar entre os oponentes da batalha, mestres em comum como Drona, que ensinou a ciência das armas para ambos os clãs, tomam lado na batalha.

Porém, a intenção da obra propõe-se em ir além de uma narrativa a respeito de uma batalha de proporções monumentais. Sua abrangência fica explícita logo em sua primeira

² Tradução para o português do *Mahabharata* de Eleonora Meier (2011) diretamente do inglês de Kisari Ganguli (1883-1896) e tradução comentada diretamente do sânscrito do *Bhagavad Gita* de Carlos Alberto Fonseca (2009).

*parva*³, conforme tradução de Meier (2011, p. 40⁴): “[...] não há uma história no mundo que não dependa desta história, assim como o corpo do alimento que recebe.” Dessa forma, seu objetivo é de, além de servir como um guia completo para o conhecimento do próprio “eu” e do sentido da vida, contendo o que são considerados como todos os aspectos da sabedoria divina, também se propõe a realizar o papel de um marco na história desta sociedade, como uma base para a sabedoria do sagrado. Estes aspectos estão em boa parte contidos no *Bhagavad Gita* por meio dos ensinamentos da própria divindade: Krishna, oitavo avatar⁵ do deus Vishnu.

Estima-se que o *Bhagavad Gita* tenha sido inserido na obra após a finalização do *Mahabharata*, e ainda há discussão atualmente a respeito de sua datação. A linguística sugere que o sânscrito utilizado no *Bhagavad Gita* é de cerca do final do primeiro milênio AEC⁶, pela tradição oral, enquanto a escrita data aproximadamente do século III. Logo, os escritos analisados nesta pesquisa, apesar de serem cultuados até hoje na civilização hindu, dizem respeito à uma construção advinda da tradição Védica⁷, seguida de uma reflexão do indivíduo a respeito de sua relação com o plano filosófico-religioso (TOMIMATSU, 2016. p. 22). Ao final do *Mahabharata*, os Pandavas vencem a guerra, com as condições de sua vitória ficando claras ao longo texto, principalmente por meio dos ensinamentos a respeito do significado da guerra, da morte e do dever do guerreiro de Krishna ao herói da história, Arjuna. Estes ensinamentos estão presentes ao longo de grande parte da obra, mas é principalmente no *Bhagavad Gita* que ocorre a revelação de Krishna a Arjuna no campo de batalha. Esta passagem é, assim, o diálogo entre a divindade e um herói confuso em cumprir o seu papel como guerreiro, principalmente porque na batalha que estava por vir seus parentes e mestres estavam entre os adversários.

Portanto, analisando criticamente a obra do *Bhagavad Gita*, pretende-se compreender o significado da guerra e da morte para esta sociedade que a produziu. Considerando que ocorre, nesta passagem, uma metáfora da vida como uma guerra, é necessário observar elementos que por vezes vão além do objetivo do texto, levando em consideração as

³ Palavra que em português significa “seção” ou “capítulo”.

⁴ Devido ao grande volume da obra, a tradutora separou-a em suas 18 *parvas*. Portanto, a numeração da página da citação em questão se encontra na página 40 da primeira *parva*, intitulada “*Adi Parva*”.

⁵ O conceito de “Avatar” é presente em diversos textos sagrados hindus, trata-se da encarnação da divindade. Na obra, Vishnu/Krishna desce à Terra em forma humana a fim de restaurar a justiça.

⁶ Antes da Era Comum. Termo com significado semelhante a “Antes de Cristo”, porém aqui utilizado para se referir a uma sociedade que não utiliza Cristo como principal referência

⁷ Considerada o “estágio embrionário” do hinduísmo. “Será razoável afirmar ser ele (hinduísmo) uma continuação dos Vedas, pois só estes ofereceram em estágio embrionário a maioria das características desenvolvidas com o tempo, como também a mitologia indiana clássica.” (RENOU, 1964. p. 15).

características ritualísticas da guerra e da função de um guerreiro (*kshatriya*) nesta sociedade, baseado nos escritos brâmanes (*varna*⁸ sacerdotal) da obra.

Dentre as *varnas* do período, esta pesquisa foca-se, como já citado, nos aspectos que dizem respeito aos *kshatriyas*, a *varna* guerreira da sociedade. Para compreensão a respeito das divisões do sistema de *varnas* no período, a contribuição de Cardoso (1998, p. 163) é de suma importância, apresentando as três divisões abaixo:

- 1) *dwidjas* (teoricamente arianos) / *shudras* (teoricamente não-arianos);
- 2) entre os *dwidjas*: brâmanes e *shátrias*, os grupos superiores / *váishias* o grupo inferior;
- 3) no interior dos grupos superiores, os brâmanes primam sobre os *shátrias*.

Observa-se a superioridade do grupo *brâmane* sobre os *kshatriyas*, mesmo com os governantes geralmente sendo advindos desta classe guerreira. Ainda assim, os *brâmanes* são considerados os primeiros na ordem da sociedade, justamente pelo seu papel sacerdotal e de relação com os Vedas⁹, demonstrando a importância do sagrado para essa sociedade. Com esta crença em comum formando a base da sociedade, é interessante perceber o quanto esta influencia e molda os valores guerreiros indianos, justificando e dando sentido ao ato de guerrear.

Significado da guerra

O significado da guerra está estreitamente relacionado com o da morte, e nesse sentido o *Bhagavad Gita* trata de perspectivas importantes para a compreensão deste aspecto tão diferenciado da visão a respeito da morte que há presente em outras culturas, com influência de outras religiões. Considerando a concepção católica, apenas para exercer uma comparação com uma religião de forte influência no Brasil, interpreta-se a morte como o fim da passagem desta alma na terra, passando para um plano pós-morte em um lugar que irá depender dos seus atos enquanto em vida.

No hinduísmo também é presente a concepção de que a vida não limita-se ao corpo, mas compreende também a alma. Porém, a morte de uma pessoa não significa o fim de sua passagem pela Terra, mas que a alma reencarnará, podendo retornar como uma pessoa ou até

⁸ Termo mais apropriado para referir-se à divisão da sociedade indiana no período, o termo “casta” torna-se anacrônico por não estar totalmente constituído.

⁹ Os textos sagrados do Vedismo.

mesmo um animal, dependendo de suas atitudes em vida, baseado no *karma*¹⁰. O *karma* é um dos aspectos mais lembrados por Krishna em seu diálogo com o herói da história, pois a quebra de seu dever com a divindade lhe atrairia graves energias negativas como consequência.

Como meio de convencer o herói da história a cumprir sua atribuição como guerreiro, a divindade afirma a Arjuna que as mortes causadas em combate não significavam uma eterna punição para os guerreiros que o herói iria enfrentar, mas sim uma chance para que estes tenham um “recomeço” em uma nova vida. Desta forma, a morte deve ser vista como algo inevitável e natural. Exemplos desse pensamento podem ser encontrados por diversas vezes no *Bhagavad Gita* em forma de argumentos de Krishna para Arjuna guerrear, como nos trechos abaixo retirados da tradução de Fonseca (2009, p. 52-53):

A morte é certa para quem nasce, o nascimento para quem morre.
Por isso, quanto ao inevitável não te deves lamentar.
[...]
Esse homem no corpo de todos, Bharata¹¹, nunca será morto.
Por isso, quanto a todos os seres, não te deves lamentar.

O discurso da divindade em revelar ao herói os seus ensinamentos constitui um importante papel da sagrado em justificar o ato da guerra, levado ao extremo na história justamente por esta função se sobressair até mesmo quando parentes e mestres estão do outro lado do campo de batalha. Ao hesitar em guerrear, o herói da história estaria indo contra o seu *dharma*¹², pois, segundo tradução de Renou (1964, p. 98), “[...] a vida e a morte são de pouco valor quando comparadas aos valores eternos.”

Portanto, o objetivo do ensinamento da divindade retratado no épico é de, dentre outros aspectos, lembrar o guerreiro de sua função e convencê-lo do que é o correto a se fazer até mesmo na mais extrema das circunstâncias. Sendo assim, a guerra é vista como uma maneira de equilíbrio da sociedade, necessária quando há risco para o bem-estar de todos. Porém, isto não quer dizer que a guerra seja vista como algo almejado e adorado, mas sim por vezes necessária. Segundo a interpretação da obra de Paramadvaiti e Acharya (2003, p. 16):

A guerra simboliza o mais indesejável que podemos encontrar neste mundo. Mas os devotos do Senhor Krishna não estão desamparados em nenhum momento, e por isso, as imortais instruções de Sri Krishna ao devoto

¹⁰ O conceito presente na filosofia hindu de que cada ação feita volta em forma de energia positiva ou negativa para quem a praticou.

¹¹ “Bharata”, no trecho, refere-se a Arjuna.

¹² Sua função na sociedade como um *xátria*.

guerreiro Arjuna também representam as dificuldades que cada um deve enfrentar na luta da vida neste mundo.

A definição da vida como uma guerra contida no fragmento reforça a interpretação da obra como uma metáfora de que a guerra que serve de plano de fundo para a história é a que ocorre internamente em quem está realizando a leitura da obra, adquirindo a sabedoria da divindade para buscar alcançar a sua iluminação. A guerra, dessa maneira, adquire um sentido ritualístico para essa sociedade. Nota-se que, ao longo da narrativa, em um cenário de pleno campo de batalha, o mestre (Krishna) ensina ao seu discípulo (Arjuna) o significado e as consequências que a sua decisão em protelar trariam para si mesmo e para a organização da sociedade. Consequências essas que incluíam para Arjuna a quebra de seu eterno dever com o divino, o *sanatama-dharma*, o que provocaria sua punição em descumprir a Eterna Ordem. Além disso, o seu ato significaria a perda de sua reputação como guerreiro, como presente no trecho a seguir do *Bhagavad Gita* traduzido por Fonseca (2009, p. 54):

Ademais, considerando teu próprio *dharma*, não deves vacilar.
 Não se conhece nada mais dhármico para um xátria do que a luta.
 Inesperadamente, numa guerra como esta, ó Partha¹³, os xátrias
 Conseguem alegrias, é possível uma porta aberta para o Svarga¹⁴.
 Mas se tu não fizeres esta guerra conforme o *dharma*,
 Então com teu *svadharma*¹⁵ e tua honra tu te tornarás um erro.

Pode-se observar na passagem o significado dado à guerra aos guerreiros da *varna* dos *kshatriyas*: a oportunidade de cumprir o seu papel e, com isso, atingir as recompensas e realizações em planos que extrapolam o sentido do meio físico. Assim sendo, o guerreiro nesta sociedade tem como funções principais proteger a sociedade e cumprir seu compromisso com as divindades.

Apesar de em determinados períodos a denominação de *kshatriya* não delimitar-se somente a quem desempenhava a função de guerreiro, com estes podendo exercer ocupações como as de comerciantes ou agricultores, por exemplo, sua educação persistia como a de um guerreiro. Segundo Auboyer (2002, p. 18), “[...] este carácter essencialmente militar persiste na educação que lhes é dada, porque, além da ciência védica, lhes ensinam o manejo das armas, e desenvolvem neles as aptidões hereditárias para o comando.” Considerando a educação que os pertencentes a este segmento da sociedade recebem, pode-se considerar,

¹³ Referindo-se à Arjuna.

¹⁴ Um dos mais altos estágios do esoterismo hindu. Libertação.

¹⁵ Obediência à ordem.

então, o *Bhagavad Gita* como uma obra que contribui nesse processo de aprendizagem e compromisso com os preceitos do sagrado.

O ritual da guerra

Podemos acompanhar em verso que antecede o *Bhagavad Gita* uma descrição a respeito do cenário da batalha, com detalhes a respeito do ritual da guerra para esta sociedade. O texto a seguir é proferido por Sanjaya, o condutor do carro de Dhritarashtra (rei cego dos Bharatas), que descreve o cenário para seu rei devido ao seu impedimento de enxergar:

Com o clangor¹⁶ de conchas e o som de baterias que pareciam rugidos leoninos, ó Bharata, com o relincho de corcéis, e o estrépido de rodas de carro, com o barulho de elefantes turbulentos e os gritos, batidas no peito, e gritos de combatentes que rugiam, o tumulto causado em todos os lugares era muito grande. Os grandes exércitos dos Kurus e dos Pandavas, ó rei, se levantando ao nascer do sol, terminaram todos os seus arranjos. (MEIER, 2011, p. 35)¹⁷

Nota-se no trecho o ato dos guerreiros assoprarem suas conchas no cenário de batalha, esse ato tem grande significado para a guerra como um ritual, e também para o hinduísmo atualmente. Isso se deve pois o som emitido pela concha, segundo a tradição, era o produzido pela divindade criadora antes de realizar a criação do mundo. Além disso, em um sentido com maior significação para a guerra e para a história do *Bhagavad Gita*, o alto som conjunto emitido pelas conchas assopradas pelos guerreiros ao mesmo tempo demonstra a força e a dimensão deste exército.

O som emitido pelas conchas também simboliza a vitória do bem sobre o mal, com a raiz desta tradição sendo a crença de que o deus Krishna conquistou a concha de nome Pancajanya após vencer uma semidivindade (considerada “demoníaca”) chamada Pancajana. Já a concha de Arjuna tem o nome de Devadatta, em “[...] referência à sua filiação, como discípulo de Drona (o mestre dos Pandavas)” (FONSECA, 2009. p. 30), nota-se, portanto, o grande valor simbólico do elemento em uma guerra, também pela relação com o divino e com seu mestre.

Outro aspecto presente no fragmento é a descrição do uso de elefantes na guerra, tática dos exércitos indianos, descrita posteriormente pelo grego Pausânias, que descreve o “pioneirismo” de Alexandre, O Grande entre os europeus ao utilizar esta tática após ter enfrentado um exército indiano: “[...] o primeiro dos habitantes da Europa a utilizar elefantes

¹⁶ Som forte, estrondante.

¹⁷ Página correspondente à *parva* 6: *Bhishma Parva*.

em guerra foi Alexandre, o Grande após derrotar justamente o exército indiano de Poro.” (Pausânias, II). Após a morte de Alexandre, outros reis europeus também utilizaram-se do artifício, inspirados pelo exército indiano.

Os elefantes na Índia eram utilizados na guerra tanto para carregar suplementos quanto para o combate em si, exigindo um grande treinamento para executarem suas tarefas conforme fosse de interesse de quem os estava utilizando. A respeito da captura e domesticação destes animais, Auboyer (2002, p. 56) diz:

Quanto aos elefantes selvagens, eram capturados como actualmente, usando elefantes domesticados para os levarem aos lugares fechados onde a domesticação era iniciada. Uma vez apanhados, os domadores ensinavam-lhes todas as manobras que eles deveriam executar, quer na guerra, quer no palácio.

Os elefantes, apesar de estarem também servindo aos *kshatriyas*, já que normalmente o governante era advindo desta *varna*, tinham papel também fora de combate, no palácio. Já a respeito da descrição do uso de elefantes em combate contidos na história, Kistler complementa (2006, p. 9):

O Mahabharata da Índia também conta um dramático confronto em batalha envolvendo elefantes, cavalaria e homens. “Um gigante e pesado elefante caiu sobre o inimigo e matou uma série de cavalos de carruagem. O condutor da carruagem então jogou sua lança de ferro, matando o condutor do elefante e, com um poderoso golpe de espada cortou o tronco da cabeça do animal. A besta gritou e morreu.”¹⁸

A partir desta narrativa épica, pode-se depreender o modo de utilização dos elefantes no combate, utilizando seu tamanho e peso para adquirir vantagem sobre os inimigos.

Cenas como a descrita neste fragmento, que implicam a ação do combate, são recorrentes ao longo da narrativa. O que possibilita perceber a concepção do que seria o método ideal de um guerreiro agir, visto que o vencedor da história tem ao seu lado uma divindade, e, portanto, um ser perfeito. A respeito da atuação do guerreiro indiano em um combate, podemos perceber, ao longo da obra, suas motivações, o que o tornaria um guerreiro de sucesso e a importância de Krishna neste processo, como podemos ver mais profundamente a seguir.

O guerreiro

Os escritos a respeito de características do guerreiro Arjuna e da guerra contidos no conto permitem perceber alguns aspectos importantes a respeito da valorização de algumas

¹⁸ Tradução nossa.

competências nessa sociedade. O herói da história é retratado como um arqueiro, observando que o termo *maharatha* tem duplo significado em relação aos guerreiros “[...] podendo referir-se tanto a um arqueiro dotado de grandes qualidades na condução de carros de guerra quanto ao detentor de um posto de comando de uma ala mecanizada do exército.” (FONSECA, 2009, p. 25).

A habilidade de ser um grande condutor é, por diversas vezes, valorizada ao longo da obra. Exemplo disso é o próprio deus Krishna ter sido condutor no exército dos Pandavas no épico. Como já citado, o momento de revelação do deus Krishna à Arjuna é um dos momentos mais marcantes da história, já que a divindade havia aparecido primeiramente como apenas um homem “comum”, com relações de parentesco em ambos os lados da batalha. O trecho a seguir apresenta particularidades interessantes desta revelação, na tradução dos dizeres de Krishna por Fonseca (2009, p. 169):

Foi minha gentileza, esforço de meu atman,¹⁹
Arjuna, que tenhas visto minha forma suprema,
resplendente, total, infinita, inaugural,
por ninguém vista jamais antes.

Nota-se que há uma grande importância por parte da divindade em deixar claro ao herói o significado de sua aparição a sua frente no campo de batalha, que ao longo deste diálogo que ocorre entre os dois, é possível perceber, como já visto, que esta intervenção foi motivada principalmente pela atitude de Arjuna em hesitar de batalhar. Nem mesmo o estudo dos Vedas, sacrifícios e caridade, atos amplamente incentivados pelos Vedas em função do *karma*, comparou-se com a importância dada pela divindade em intervir para o herói cumprir sua obrigação na sociedade guerreando, como contido no trecho: “[...] não pelos Veda, penitência, esmola nem sacrifício se consegue ver esta minha forma que tu viste.” (FONSECA, 2009, p. 170).

A descrição de um momento do conflito presente na tradução de Meier (2011, p. 97)²⁰ permite compreender o significado para um guerreiro de estar e falecer em um combate das proporções descritas na história:

E havia bravos guerreiros Kshatryias, que tendo ferido uns aos outros, não abandonavam suas armas ou davam quaisquer lamentos, ó senhor. Por outro lado, jazendo naqueles lugares que eles estavam, rugiam com corações alegres, e mordendo de raiva com seus dentes seus próprios lábios, olhavam uns para os outros com rostos tornados ferozes pela contração de suas

¹⁹ A essência divina.

²⁰ Página correspondente à *parva* 6 – *Bhishma Parva*

sobrancelhas. E outros dotados de grande força e tenacidade em grande dor, afligidos por flechas e sofrendo sob seus ferimentos, permaneciam totalmente silenciosos.

Esta passagem do texto demonstra a bravura que é exigida de um guerreiro, não abdicando de seu dever mesmo quando isto custa sua própria vida. Este momento de falecimento do guerreiro em combate é visto como uma grande honra: “[...] morrer de doença em casa é pecado para um *kshatriya*. A morte que ele encontra em batalha é seu dever eterno.” (MEIER, 2001, p. 37).²¹

Por meio desta descrição do conflito também permite-se depreender alguns artefatos e itens utilizados para a guerra. Levando em consideração o trecho que trata a respeito dos ferimentos por flecha, têm-se no arco de Arjuna, de nome “Gandiva”, um dos itens de maior valor simbólico para o contexto da história. Estima-se que o arco tenha sido presenteado para Arjuna após uma sucessão extremamente privilegiada, que incluía os deuses Shiva e Brahma. Não é por acaso que o grande herói da história é representado como um arqueiro: a prática do arco e flecha representa imensa honra e prestígio nesta sociedade. Como exemplo dessa importância da prática do tiro ao arco, pode ser citada a contribuição de Auboyer (2002, p. 18), a respeito de uma das formas de casamento da época: “[...] a união é feita com o vencedor de um concurso, do qual a maior prova é um torneio de tiro ao arco”.

Considerações finais

Neste artigo, buscou-se evidenciar a importância da utilização do *Bhagavad Gita* como fonte documental para observarmos e compreendermos o significado da guerra e da ação do guerreiro para a sociedade indiana. A análise de um texto como este, considerando ainda sua grande função religiosa de fidelidade à divindade e aos valores cultuados no sagrado, mostra-se de grande contribuição para uma análise crítica sobre aspectos da sociedade indiana, como a organização por estratos sociais (*varnas*) e a participação em conflitos, tendo a guerra entre Kauravas e Pandavas como plano de fundo de uma história que procura passar valores fundamentais de moralidade, ação e religiosidade. Os textos do gênero épico, categoria da fonte analisada nesta pesquisa, são definidos por Renou (1964, p. 19) como “[...] compilações enormes lidando com práticas religiosas, mitologia e cosmogonia. Misturando a esses elementos rigorosamente religiosos, há um número de assuntos mais

²¹ Página igualmente correspondente à *parva* 6 - *Bhishma Parva*

seculares”, logo, representam um importantíssimo meio de discussão a respeito da sociedade que os produziu e os consome continuamente.

Por fim, reforça-se o entendimento de obras como o *Bhagavad Gita* como documento para este estudo ainda em desenvolvimento a respeito da organização da sociedade indiana que lida diretamente com os assuntos de guerra – os *kshatriyas*, considerando ainda outras fontes que tratam do tema, como o Ramayana, obra do mesmo gênero que narra a história do príncipe Rama (Ramacandra), outro avatar do deus Vishnu. Assim como o *Bhagavad Gita*, o texto contém, segundo Renou (1964, p. 117): “[...] digressões, algumas das quais formariam um código da conduta e moralidade hindus se reunidas”, e também inclui características do que seria um guerreiro e governante ideal. Espera-se futuramente abranger esta e outras fontes para um maior aprofundamento do tema da guerra neste contexto social específico, refinando ainda mais a compreensão dos textos sagrados como fontes documentais viáveis para o estudo da História.

Fontes utilizadas

FONSECA, Carlos Alberto. **Canção do venerável: Bhagavad Gita**. Rio de Janeiro: Globo, 2009.

PAUSANIAS. **Descripción de Grécia**. Tradução de Maria Cruz Herrero Ingelmo. Madrid: Editorial Gredos, 1994.

GANGULI, Kisari Mohan. **THE MAHABHARATA of Krishna-Dwipayana Vyasa**. Traduzido para o português por Eleonora Meier. Disponível em: <<http://www.shri-yoga-devi.org/textos/Mahabharata-Portugues.zip>>. Acessado em 07/08/2018.

Referências Bibliográficas

AUBOYER, Jeaninne. **A vida quotidiana na Índia antiga**. 2.ed. Rio de Janeiro: Shu, 2002.

BUENO, André. A dificuldade em falar sobre “Oriente” no Brasil. In: BUENO, André; ESTACHESKI, Dulceli; CREMA, Everton; NETO, José Maria (ed) **Mais Orientes**. Rio de Janeiro/União da Vitória: Edições Sobre Ontens/LAPHIS, 2017. p. 5-16.

CARDOSO, Ciro. Varnas e Classes sociais na Índia Antiga. In: CARDOSO, Ciro. **Sete Olhares sobre a Antiguidade**. Brasília: UNB, 1998. p. 161-171.

KISTLER, John. **War elephants**. Westport: Greenwood Publishing Group, 2006.

PARAMADVAITI, Swami; ACHARYA, Sripad. **O Bhagavad-gita: A Ciência Suprema**. São Paulo: Serviço Editorial dos Vaishnavas Acharyas, 2003.

RENOU, Louis. **O Hinduísmo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

TOMIMATSU, Célia. **A condição humana e as disposições sobre o bem e o mal em Bhagavadgītā**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2013.